HVMANITAS

[Recensão a] BRASIL FONTES, Joaquim - Eurípides, Séneca, Racine: Hipólito e Fedra. Três tragédias

Autor(es): Soares, Nair Nazaré de Castro

Publicado por: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/27957>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_60_19

Accessed : 26-Apr-2023 15:50:53

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

humanitas

Vol. LX

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

HUMANITAS

Vol. LX

RECENSÕES

BRASIL FONTES, Joaquim, *Eurípides, Séneca, Racine: Hipólito e Fedra. Três tragédias*. Estudo, tradução e notas, São Paulo, Editora Iluminuras Lda., 2007, 493 pp. ISBN: 9788573212624

O autor desta obra, Joaquim Brasil Fontes, professor da UNICAMP (Universidade de Campinas, São Paulo, Brasil) – uma das mais prestigiadas universidades da América Latina, com alta reputação entre as universidades do mundo –, reúne, num único volume, três variações do mito Fedra e Hipólito de épocas bem distintas, no espaço e no tempo: a de Eurípides, o tragediógrafo ático do século V a.C., encenada em 428 a.C., a de Séneca, o poeta-filósofo da Roma do tempo de Nero, e a de Racine do século XVII francês (1677), contemporâneo de Luís XIV, o Rei-Sol.

A Introdução, em *ring composition*, inicia como termina, com um apontamento pessoal, biográfico, que se prende com a realização desta obra: a visita a Esmirna, onde ouvira pela primeira vez falar da paixão de Fedra, o regresso à cidade turca da sua infância; o percurso de uma vida, “vivido e convivido com Musas, Memória e outros Deuses”, em que não se esbateu a força do mito, dos mitos que integram a essência poética do pensamento e do sentir do autor. Aludindo à génese do seu interesse por este tema, a sensibilidade e a inteligência aliam-se à memória, que se fixa numa avó, “uma estudiosa diletante dos clássicos”, dedicatária da obra, pela mão de quem penetra no mundo mítico que encantara prosadores e poetas (p.12).

Desde a evocação de Hipólito em Trezena, segundo a lição de “Pausânias, o famoso viajante”, à leitura da tragédia de Eurípides, “ainda menino”, na cidade de Esmirna, ao conhecimento da *Phèdre* de Jean Racine como estudante de literatura francesa, à investigação e estudo aturado da *Phaedra* de Séneca como tema de Doutoramento, projecto que abandonara, Brasil Fontes, já Doutor em Letras, amadureceu e burilou – no seu “estatuto de amador”, diria eu, com a paixão de uma vida –, um trabalho notável de tradução poética de três tragédias.

O estudo de J. Brasil Fontes, que serve de introdução às obras dos três autores e se desenrola sob a epígrafe *In me tota ruens Venus* (Horácio, *Odes* 1.19, 9) –

responsável pela fúria obsessiva do amor, pela *dementia* trágica –, dá-nos a dimensão do fenómeno poético intemporal e vibrante que anima as três tragédias, comentadas sempre pelo recurso a trechos expressivos, atractivos, pela visão pessoal de análise, que não dispensa, contudo, o apoio numa rica bibliografia selectiva. Oferece-nos, além disso, despretensiosamente, o muito saber do seu autor, num discurso em que o eu enunciativo nos apresenta, em pessoa, o especialista em filologia clássica e o homem do nossos dias, com uma cultura e uma sensibilidade singulares.

Admirável é a forma como trata o fenómeno religioso grego e o faz percorrer todos os mitos, nos três autores, nas suas diferenças, o modo como aclara as diversas lições de diferentes estudiosos, “uma pluralidade desconcertante de vozes” (p. 60), ou a leveza com que alude a aspectos fastidiosos, sem deixar de ter sempre uma atitude científica correcta (pp. 60-61), ou ainda quando remete para estudos que tratam de questões como o diálogo que Racine teria travado com a doutrina jansenista (pp. 95-96).

A edição dos textos originais do *Hipólito* de Eurípides (pp. 103-205), da *Phaedra* de Séneca (pp. 207-351) e da *Phèdre* de Racine (pp. 353-489) é acompanhada de tradução poética, em português, que pela sua qualidade, é, por si só, um notável contributo para as letras clássicas, no Brasil e em Portugal, e um instrumento da maior qualidade, na sua divulgação.

NAIR NAZARÉ DE CASTRO SOARES

BREITENBERGER, Barbara, *Aphrodite and Eros. The Development of Erotic Mythology in Early Greek Poetry and Cult*, New York/London, Routledge, 2007, 296 pp. ISBN: 978-0-415-96823-2

Que os estudos acerca da religião grega continuam a suscitar o maior interesse entre os especialistas da Antiguidade Clássica confirma-se uma vez mais pelo livro que B. Breitenberger deu à estampa recentemente. Sob este título, “esconde-se” um precioso estudo sobre os mitos de Afrodite e Eros, divindades associadas às diversas facetas do amor, na Grécia Antiga.

O livro inicia-se com uma útil introdução propedêutica acerca dos conceitos de “culto” e de “mito”, bem como das fontes disponíveis para a concretização da investigação em torno dos deuses em causa. O “passado histórico” de Afrodite começa por mostrar que, à semelhança de outras divindades do panteão grego, também aquela deusa não é de origem helénica, tendo sido introduzida no sistema religioso dos Gregos provinda do Próximo Oriente. Afrodite tem, aliás, muito provavelmente, uma dependência da figura siro-palestinense conhecida como Ishtar/Astarte. Ao longo de todo este capítulo, encontramos uma útil síntese do